

Impact of passion on behavioural regulation and subjective well-being

Impacto da paixão na regulação da motivação e no bem-estar subjetivo

Anabela Vitorino^{1,2,3}, Luís Cid^{1,2,3}, Teresa Bento^{1,3}, Diogo Teixeira^{4,5}, Diogo Monteiro^{3,6}

¹Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ESDRM-IPSantarém); ²Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém (UIIPSantarém); ³Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); ⁴Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; ⁵Centro Interdisciplinar de Estudo da Performance Humana (CIPER); ⁶ ESECS, Politécnico de Leiria, Leiria, Portugal.

Abstract

In recent years the adapted sport has considerably increased, especially in the number of practitioners, but few specific studies have been conducted focusing in the dimensions of passion, motivation and subjective well-being.

To analyze an integrated hypothetical causal relations model between the Dualistic Passion Model and the Self-Determination Theory, and its relationship with subjective well-being, in adapted sports practitioners.

Participated 143 athletes (36 women, 107 men) of 15 sports, aged between 15 and 59 years [Mean (M)=29.21; Standard Deviation (SD)=10.45]. Competitive practice ranged from 1 to 28 years (M=5.55; SD = 6.98) and the number of weekly workouts between 1 to 12 (M=4.52; SD=2.71). Descriptive statistics, specially means and standard deviation were used. After these procedures a structural equation modelling was performed.

The data support the adequacy of the hypothesized structural model: $S-B\chi^2=475.521$; $df=406$; $p<.001$; SRMR=.080; NNFI=.917; CFI=.925; RMSEA=.046 (.033-.057).

The fact that athletes feel passion for the practice of their modality can be a positive predictor of self-determined motivation, which can therefore influence levels of well-being, cognitive (life satisfaction) and emotional (positive affects).

Conclusions: The data contribute to the understanding of some variables related to adapted sport, allowing to outline recommendations, based on the identification of strategies for the increase and maintenance of sports practice.

Keywords: Passion; behavioural regulation; subjective well-being; adapted sport; students; Paralympic Week.

Resumo

Nos últimos anos, o desporto adaptado tem sido alvo de um incremento considerável, principalmente ao nível do número de praticantes, contudo poucos estudos têm sido realizados incluindo as dimensões da paixão, motivação e bem-estar subjetivo.

Analisar as relações causais hipotéticas entre as variáveis de um modelo que integra o Modelo Dualístico da Paixão e a Teoria da Autodeterminação, e a sua relação com o bem-estar subjetivo, em praticantes de desporto adaptado.

Participaram 143 atletas (36 mulheres, 107 homens) de 15 modalidades desportivas, com idades compreendidas entre 15 e 59 anos [Média (M)=29.21; Desvio Padrão (DP)=10.45]. A prática competitiva variou entre 1 e 28 anos (M=5.55; DP=6.98) e o número de treinos semanais entre 1 e 12 (M=4.52; DP=2.71). Foram utilizados procedimentos de análise descritiva, nomeadamente média, desvio-padrão e análise bivariadas para todas as variáveis em estudo. Seguidamente procedeu-se a uma análise de equações estruturais.

Os dados suportam a adequação do modelo estrutural: $S-B\chi^2=475.521$; $df=406$; $p<.001$; SRMR=.080; NNFI=.917; CFI=.925; RMSEA=.046 (.033-.057). O facto de os atletas sentirem paixão pela prática da sua modalidade pode constituir-se como um preditor positivo da motivação autodeterminada, o que por conseguinte pode influenciar os níveis de bem-estar, no seu aspeto cognitivo e emocional.

Os dados contribuem para a compreensão de algumas variáveis inerentes ao desporto adaptado, permitindo delinear recomendações, assente na identificação de estratégias para o incremento e manutenção da prática desportiva.

Palavras-Chave: Paixão; regulação da motivação; bem-estar subjetivo; desporto adaptado; Alunos; Semana Paralímpica.

*Autor para correspondência

Endereço electrónico: anabelav@esdrm.ipsantarem.pt (Anabela Vitorino)

Código: DAFPT_20_01_01

Introdução

O desporto adaptado, definido como o desporto modificado ou criado para suprir as necessidades especiais das pessoas com deficiência, pode ser praticado em ambientes integrados, em que as pessoas nesta condição interagem com pessoas sem deficiência, ou em ambientes segregados, nos quais a participação desportiva, envolve apenas pessoas com deficiência (Winnick, 2017).

A prática desportiva de alto rendimento proporciona oportunidades para a pessoa com deficiência desenvolver as suas capacidades e potencialidades, sentir alegria e prazer, experimentar o êxito e superar os seus limites (DePauw & Gavron, 2005). Nos últimos anos, tem sido alvo de um incremento considerável, principalmente ao nível do número de praticantes (International Paralympic Committee, 2015), pese embora as oportunidades de prática para pessoas com deficiência continuem a ser reduzidas, quando comparadas com o desporto em geral (Lundberg, Groff, & Zabriskie, 2010). Porém a investigação realizada no âmbito do desporto adaptado é ainda reduzida comparativamente ao desporto em geral (Martin, 2018). Alguns autores (Banack, Sabiston, & Bloom, 2011; Heo, Lee, Lundberg, McCornick, & Chun, 2008; Lundberg et al., 2010) têm estudado os processos motivacionais, especialmente com recurso à Teoria da Autodeterminação/Self-Determination Theory (SDT: Deci & Ryan, 1985), no desporto adaptado, em atletas com diferentes tipos de deficiências. No entanto, no que respeita à paixão, tendo por base o Modelo Dualístico da Paixão/Dualistic Model of Passion (DMP: Vallerand et al., 2003), parece não existir nenhum estudo no âmbito do desporto para pessoas com deficiência. Não obstante, também parece não existir nenhuma pesquisa que englobe a SDT e o DMP, neste contexto específico. Estes factos ganham evidência, não só pela pesquisa exploratória realizada na Web of Science entre 1985 (ano em que foi proposto a SDT) e 2017, mas também pela atualidade destes modelos teóricos e pelo tipo de relação entre os constructos da motivação e paixão nos atletas com deficiência.

Modelo Dualístico da Paixão (DMP)

Segundo Vallerand et al. (2007), a dedicação, gosto e persistência de um comportamento ao longo do tempo, deriva da paixão que o indivíduo sente na prática de uma determinada atividade. Nesse contexto, Vallerand et al. (2003) desenvolveram o DMP, o qual preconiza a existência de dois tipos de paixão que se distinguem no modo como esta é integrada pelo sujeito na sua identidade (i.e., self), denominando-as de Paixão Obsessiva (PO) e Paixão Harmoniosa (PH), o que tem implicações diferenciadas no comportamento.

A PH está associada a uma internalização autónoma, pois o sujeito pratica a modalidade por livre vontade, devido ao gosto que tem pela atividade e não por questões de reforço da sua identidade pessoal. Neste tipo de paixão, a atividade não controla o indivíduo, uma vez que é seu desejo praticá-la, sem experienciar sentimentos de obrigação ou pressão interna para o

fazer. Por isso, normalmente o atleta que sente uma PH consegue gerir melhor o tempo que dedica à sua modalidade, sem que esta entre em conflito com outras atividades da sua vida quotidiana, ou seja, não existe qualquer tipo de incompatibilidade entre ambas (Vallerand et al., 2003).

A PO está associada a uma internalização controladora, pois o sujeito força a prática da modalidade, procurando, através da sua realização, sentimentos de aceitação social ou de aumento da autoestima, pressionando-se internamente para a realizar. Neste tipo de paixão, o atleta faz depender a sua prática o facto de conseguir a afirmação social e da própria identidade, não conseguindo viver sem a mesma. Por isso, normalmente o atleta que sente uma PO, não consegue gerir bem o tempo que dedica à modalidade, o que gera indisponibilidade temporal para realizar outras atividades, ou seja, existe uma incompatibilidade de relação com outras atividades da sua vida quotidiana (Vallerand et al., 2003).

Alguns estudos aplicados ao contexto do desporto, com base no DMP (Vallerand et al., 2006, 2008), têm demonstrado que a PH é um preditor positivo do bem-estar, enquanto a PO é um preditor menos positivo e, por vezes, negativo do bem-estar (Vallerand, 2012).

Teoria da Autodeterminação (SDT)

A SDT (Deci & Ryan, 2000) aborda a motivação humana numa perspetiva ampla, tomando em consideração os fatores da personalidade, bem como as causas e consequências do comportamento autodeterminado.

De acordo com Ryan e Deci (2017), não são diretamente os fatores do contexto que influenciam a regulação da motivação, mas sim a satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas (NPB) de autonomia, competência e relação. É a satisfação dessas três NPB que determina a regulação do comportamento dos sujeitos, que se estabelece num continuum motivacional, que varia desde a ausência de regulação ou falta de intenção para agir (amotivação), passando pelas formas mais controladas/menos autodeterminadas da motivação, através da regulação externa (o sujeito realiza o comportamento para satisfazer exigências externas, nomeadamente para obter recompensas ou evitar punições), e da introjetada (sujeito pressiona-se a ele próprio para realizar o comportamento e a atividade é realizada para evitar sentimentos negativos, como por exemplo a culpa/ansiedade); até às formas mais autónomas/autodeterminadas, designada por regulação identificada (a atividade é aceite como pessoalmente importante, em que o sujeito identifica-se com o seu objetivo/valor, embora possa não gostar totalmente), a integrada (o sujeito integra o comportamento como fazendo parte de si mesmo, existindo um elevado grau de harmonia/congruência com outros valores e necessidades), e a motivação intrínseca (o sujeito realiza uma determinada atividade pelo prazer, divertimento e satisfação que lhe está inerente e, por conseguinte é o nível mais elevado de autonomia). Esta última representa o protótipo do comportamento autodeterminado.

A investigação baseada na SDT, no contexto do desporto, tem demonstrado que a motivação autodeterminada é um preditor positivo do bem-estar (Balaguer, Castillo, & Duda, 2008; Gagné & Blanchard, 2007) e a motivação menos autodeterminada um preditor negativo do bem-estar (Carpentier & Mageau, 2013).

Modelo Dualístico da Paixão e Teoria da Autodeterminação

O conceito de paixão foi, em parte, baseado na SDT (Vallerand, 2012). De facto, a SDT é uma macro-teoria da motivação que tem em consideração os fatores da personalidade, mas também o papel das NPB no crescimento e desenvolvimento dos seres humanos (Vallerand et al., 2007).

A SDT postula que para as pessoas crescerem psicologicamente necessitam de satisfazer as suas NPB (Ryan & Deci, 2017). Nesse sentido, para que tal seja possível, é necessário que as pessoas interajam com o meio ambiente e participem em várias atividades (Vallerand, 2012). Estas experiências ajudarão as pessoas a crescer e a desenvolverem-se (a sua identidade).

Este processo de internalização pode conduzir as pessoas a uma das duas formas de internalização do comportamento: internalização mais autónoma/autodeterminada ou menos autodeterminada.

Uma internalização mais autónoma ocorre quando os indivíduos aceitam livremente a atividade como sendo importante para si, sem quaisquer contingências externas (Vallerand, 2012). Este tipo de internalização emancipa as tendências intrínsecas e integradas do continuum motivacional da SDT (Ryan & Deci, 2017), produzindo desta forma uma força motivacional para a realização da atividade por vontade própria.

Por outro lado, um processo de internalização mais controlado provém de pressões intra/interpessoais ligadas a determinadas contingências externas relacionadas com a atividade em causa, como por exemplo sentimentos de aceitação social ou de autoestima (Hodgins & Knee, 2002).

Neste âmbito, Vallerand et al. (2003) definem a paixão como uma forte inclinação para atividades que os indivíduos gostam (ou mesmo amam), que acham importantes e onde investem tempo e energia, e que passam a ser internalizadas na sua identidade (i.e., no seu self).

O DMP está em consonância com a SDT, uma vez que de acordo com Vallerand (2012), as pessoas envolvem-se em diferentes atividades com o intuito de satisfazer as três NPB. Algumas atividades chegam a ser tão internalizadas (autodefinidas) que passam a representar as características centrais da identidade das pessoas (Vallerand et al., 2007). Essa paixão torna-se uma característica central da própria identidade e serve para definir a pessoa (Vallerand, 2010, 2015).

Assim, pode-se afirmar que o DMP assenta nos pressupostos da SDT, propondo que as atividades agradáveis (aquelas atividades em que as pessoas gostam e se envolvem) são internalizadas na identidade

das pessoas, sendo altamente valorizadas por estas (Vallerand et al., 2007). Para além disto, quando a internalização de uma atividade agradável ocorre dentro da própria identidade, isso leva a uma paixão por essa atividade específica (Vallerand, 2012).

Regulação da Motivação e Bem-Estar

Algumas perspetivas teóricas integram as componentes física, mental e emocional como constituintes do Bem-Estar (BE), existindo uma relação equilibrada entre corpo, mente e emoções (Seaward, 1992, 2000). Neste contexto, pode-se afirmar que o Bem-Estar Subjetivo (BES) é um conceito que tem suscitado bastante interesse por parte dos investigadores no contexto do desporto (Carpentier & Mageau, 2013; Felton & Jowett, 2013) e especificamente no desporto adaptado (Hammond, 2014; Macdougall, O'Halloran, Shields, & Sherry, 2015).

De acordo com Diener (1984, 1994), o BE caracteriza-se pela presença de aspetos positivos, ausência de negativos, bem como por uma perceção positiva da satisfação com a vida. Para Diener e Chan (2011), o BE funciona como um fator positivo tanto para a saúde como para a longevidade das pessoas.

O BES compreende, no seu constructo, duas dimensões: i) a emocional que diz respeito aos afetos (positivos e negativos), e que representa o afeto que cada indivíduo manifesta, bem como a predominância das emoções positivas sobre as negativas; ii) a cognitiva que diz respeito à satisfação com a vida, e que corresponde à avaliação que o sujeito faz em cada momento da satisfação com a vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin 1985; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005a), e que depende da comparação entre as circunstâncias atuais e aquilo que o sujeito define como padrão apropriado, não sendo, por este motivo, imposto externamente (Diener et al., 1985; Pavot & Diener, 2008).

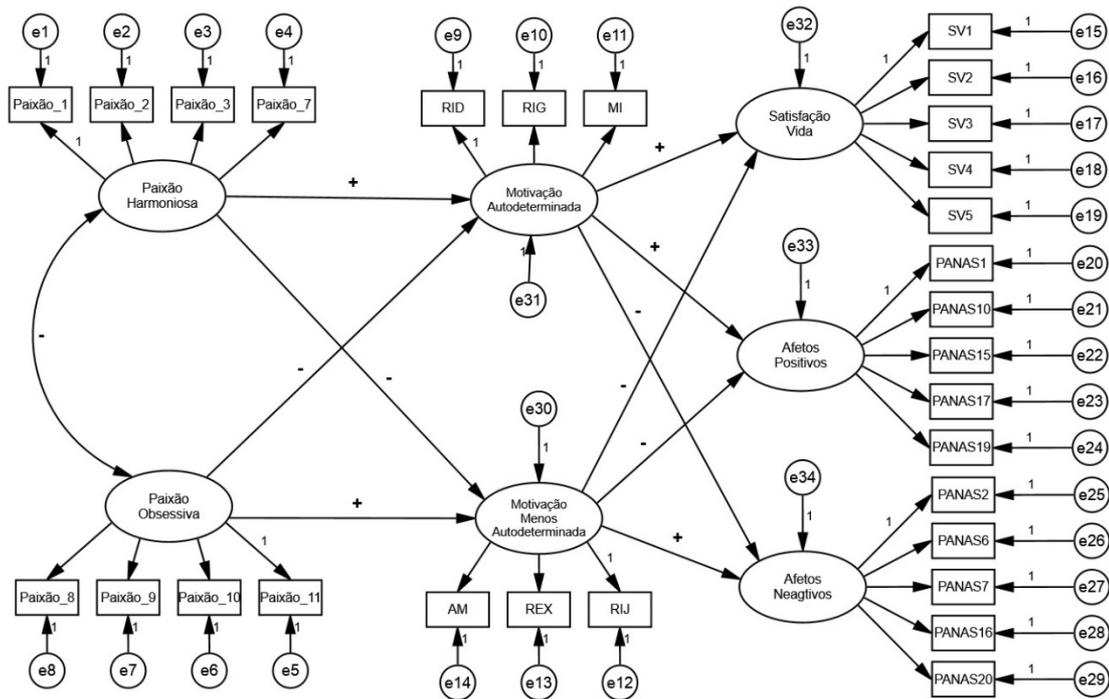
O BES é um constructo multidimensional que inclui a perceção de BE em diferentes áreas e contextos vivenciais, quer ao nível físico, psicológico e social e, em última instância, o BES é uma dimensão positiva da saúde (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005b).

De acordo com Ryan e Deci (2017), pessoas que regulam a sua motivação de forma autónoma/mais autodeterminada demonstram mais afetos positivos e maior satisfação com a vida, enquanto pessoas que regulam a motivação de forma mais controlada/menos autodeterminada apresentam mais afetos negativos e menor satisfação com a vida.

De facto, a investigação tem apontado no sentido que a motivação autónoma/mais autodeterminada é um preditor positivo do BE, tanto na dimensão emocional como na cognitiva (Balaguer et al., 2008; Núñez, León, González, & Martín-Albo, 2011).

Figura 1 - Modelo hipotetizado

O presente estudo tem como objetivo testar empiricamente as relações teóricas entre o DMP (paixão harmoniosa e obsessiva) e SDT (regulação da motivação), bem como as relações causais hipotéticas da regulação da motivação (motivação autónoma/mais



autodeterminada e motivação controlada/menos autodeterminada) no BES, tanto na dimensão emocional (afetos positivos e negativos), como na dimensão cognitiva (satisfação com a vida), tal como ilustra a Figura 1.

Metodologia

Participantes

Participaram 143 atletas do desporto adaptado nacional (andebol em cadeira de rodas, atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, *boccia*, canoagem, ciclismo, equitação, futebol 7, *goalball*, judo, luta greco-romana, natação, orientação de precisão, tricicleta e remo), com idades compreendidas entre 15 e 59 anos [Média (M)=29.21; Desvio Padrão (DP)=10.45], de ambos os sexos (36 femininos; 107 masculinos). O número de treinos semanais variou entre 1 a 12 (M=4.52; DP=2.71) e os anos de prática competitiva entre 1 a 28 (M=5.55; DP=6.98).

Todos os sujeitos apresentam deficiência motora, sensorial (visual e auditiva) e paralisia cerebral e têm participações internacionais, ao nível dos Jogos Paralímpicos e Surdolímpicos, Campeonatos do Mundo e/ou Campeonatos da Europa, sobre a égide do *International Paralympic Committee* (IPC), *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD), do Comité Paralímpico de Portugal (CPP) e das respetivas federações internacionais, por área de deficiência e de modalidade.

A amostra de conveniência foi constituída a partir dos contactos efetuados junto da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) e seus associados nacionais, CPP, federações desportivas e

organizações privadas de e para pessoas com deficiência.

Instrumentos

Passion Scale (PS; Vallerand et al., 2003) - Versão portuguesa (Cid et al., 2019): apresenta 8 itens, aos quais os sujeitos respondem numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (“*Discordo Totalmente*”) e 7 (“*Concordo Totalmente*”). Posteriormente os itens agrupam-se em dois fatores (quatro itens cada), que refletem os dois tipos de paixão.

Behavioral Regulation Sport Questionnaire (BRSQ; Lonsdale, Hodge, & Rose, 2008) - Versão portuguesa (Monteiro et al., 2019): composto por 24 itens, aos quais se responde numa escala tipo *likert* que varia entre 1 (“*Nada verdadeiro para mim*”) e 7 (“*Totalmente verdadeiro para mim*”). Posteriormente, os itens agrupam-se em seis fatores (quatro itens cada), que refletem, os diferentes tipos de motivação subjacentes ao *continuum* motivacional da SDT. Para o propósito do presente estudo, foram criados dois fatores compósitos, um relativamente às formas mais autodeterminadas da motivação - MAD (regulação identificada, regulação integrada e motivação intrínseca) e outro para as formas menos autodeterminadas da motivação - MMAD (regulação externa, regulação introjetada e amotivação) (Pelletier & Sarrazin, 2007; Monteiro, Pelletier, Moutão, & Cid, 2018).

Positive and Negative Affect Schedule (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988): constituída por 20 itens, aos quais se responde numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (“*Nada ou muito ligeiramente*”) e 5 (“*Extremamente*”). Foi utilizada uma versão reduzida, validada para a língua portuguesa por Galinha, Pereira e Esteves (2013), composta por dois fatores (cinco itens cada) que representam os afetos positivos e negativos.

Satisfaction with Life Scale (SWLS: Diener et al., 1985) - Versão portuguesa de Neto (1993): constituída por 5 itens, aos quais se responde numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (“*Discordo Totalmente*”) e 7 (“*Concordo Totalmente*”). Posteriormente os itens são agrupados num único fator que representa o índice global de satisfação com a vida.

Procedimentos

Os questionários foram apresentados conjuntamente com uma folha de rosto explicando os propósitos do estudo e devidamente identificados os autores, colaboradores e parcerias, na qual estava salvaguardado o princípio da confidencialidade.

Todos os atletas foram contactados individualmente no local de treino, estágio ou situações específicas no local de competição, onde para além da explicação dos objetivos do estudo, foi solicitado o consentimento informado através da sua assinatura (i.e., consentimento livre e esclarecido para a utilização dos seus dados de forma anónima), respeitando os princípios éticos de uma pesquisa desta natureza (principalmente ao nível do respeito pela dignidade e direitos da pessoa com deficiência, responsabilidade social, profissional e científica, beneficência e não-maleficência, sigilo, entre outros).

De referir que foi utilizada a rede social (*facebook*) para solicitar a colaboração dos atletas, quando estes se encontravam em longos períodos de estágio, fora do país em competições internacionais, ou, no caso específico de alguns atletas com deficiência auditiva, pelo não domínio da Língua Gestual Portuguesa. Nesta situação foram abrangidos onze atletas (dos quais quatro com deficiência auditiva).

A recolha de dados durou cerca de 12 meses, salientando-se o facto de que todos os atletas convidados acederam participar no estudo.

Análise de Dados

Num primeiro momento foi realizada uma análise descritiva (média e desvio padrão), bem como uma análise correlacional para todas as variáveis. Num segundo momento realizou-se uma análise de equações estruturais, através de uma abordagem de duas etapas (Kline, 2016), com base no método da máxima verosimilhança (ml) a partir do *software* EQS 6.1. Numa primeira instância foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) para analisar as propriedades

realizada uma análise de equações estruturais tendo por base o modelo hipotetizado (Figura 1). Para as duas análises foram seguidas as recomendações de vários autores (Byrne, 2006; Hair, Black, Babin, & Anderson, 2014; Kline, 2016), sendo adotados os seguintes índices: *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR), *Comparative Fit Index* (CFI), *Non-Normed Fit Index* (NNFI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e o respetivo intervalo de confiança (90% IC). Para os índices referidos, foram adotados os valores de corte sugeridos por diversos autores (Byrne, 2006; Hair et al., 2014; Marsh, Hau, & Wen, 2004): SRMR e RMSEA $\leq .08$, CFI e NNFI $\geq .90$. A consistência interna foi analisada através da Fiabilidade Compósita (FC), tendo por base a fórmula de Raykov (1997), considerando-se um valor ajustado $\geq .70$. A validade convergente foi calculada através da Variância Extraída Média (VEM), assumindo-se valores ajustados $\geq .50$ e a validade discriminante analisada através do quadrado das correlações entre os fatores, sendo verificada quando o quadrado das correlações for inferior ao valor de VEM de cada um dos fatores (Hair et al., 2014).

Resultados

Análise Preliminar

Uma análise preliminar aos dados revelou a não existência de missings values. No entanto, dois outliers univariados ($z > 3.00$) e multivariados ($D^2 = p1 < .001$, $p2 < .001$) foram encontrados. Estes participantes foram removidos para condução das análises subsequentes, tal como recomendam alguns autores (Byrne, 2006; Hair et al., 2014). Não obstante, não se verificou a existência de violações à distribuição normal univariada, uma vez que os valores de curtose e assimetria estavam compreendidos entre -2 e 2 e -7 e 7 (Hair et al., 2014) e também não se verificaram problemas de multicolineariedade, uma vez que as relações entre as variáveis são todas inferiores a .90 (Hair et al., 2014). Contudo o valor do coeficiente de curtose multivariado de Mardia foi superior ao valor recomendado (5.0), como tal foi utilizado a medida de correção de Satorra-Bentler ($S-B\chi^2$, Satorra & Bentler, 1994), que corrige os valores para a não normalidade da distribuição dos dados e produz resultados mais satisfatórios (Chou & Bentler, 1995) nas análises subsequentes.

No que respeita à Tabela 1, os resultados demonstram correlações significativas entre todos os constructos em

Tabela 2 - Índices de ajustamentos dos modelos de medida utilizados e modelo hipotetizado

Modelos	S-B χ^2	df	p	CFI	NNFI	SRMR	RMSEA	RMSEA-90%
Modelo de Medida	529.586	356	<.001	.910	.900	.075	.059	.048-.069
Modelo hipotetizado	475.521	406	<.001	.925	.917	.080	.046	.033-.057

Nota: S-B χ^2 =qui-quadrado (correção Satorra-Bentler); df=graus de Liberdade; p=nível de significância; CFI=comparative fit index; NNFI=non-normed fit index; SRMR=standardized root mean square residual; RMSEA=root mean square error of approximation; RMSEA-90%=root mean square error of approximation e respetivo intervalo de confiança.

psicométricas do modelo de medida, seguidamente foi

análise, expeto entre PH-AN, PO-MMAD, PO-AN,

MAD-MMAD, MAD-AN, MMAD-SV e AP-AN. Verifica-se ainda que os sujeitos valorizam mais os constructos subjacentes à PH, MAD, SV e AP, comparativamente aos constructos PO, MMAD e AN e todos os fatores apresentaram valores de consistência interna ajustados (>.70) (Hair et al., 2014).

Em relação ao ajustamento tanto do modelo de medida como do modelo hipotetizado (Tabela 2), ajustaram-se aos dados, em função dos valores de corte adotados na metodologia (Byrne, 2006; Hair et al., 2014; Marsh et al., 2004).

A Figura 2 evidencia uma correlação positiva ($r=.57$) e significativa entre a PH-PO. Observa-se também, um efeito direto positivo e significativo entre a PO-MAD ($\beta=.28$; IC 95% .071 a .500, $p=.020$); um efeito direto positivo, mas não significativo entre a PO-MMAD ($\beta=.03$; IC 95% -.182 a .253, $p=.773$); um efeito direto positivo e significativo entre a MAD-SV ($\beta=.50$; IC -95% .364 a .634, $p=.001$) e entre a MAD-AP ($\beta=.64$; IC 95% .483 a .767, $p=.001$); e, por fim, um efeito direto positivo, mas não significativo entre a MAD-AN ($\beta=.15$; IC 95% -.023 a .306, $p=.150$).

Tabela 1 - Análise descritiva, correlacional e fiabilidade compósita dos constructos do modelo hipotetizado

PH	1	.549*	.524*	-.260**	.349*	.453*	.023
PO	-	1	.479*	-.091	.331*	.415*	.093
MAD	-	-	1	-.042	.405*	.511**	.107
MMAD	-	-	-	1	-.010	-.244*	.468*
SV	-	-	-	-	1	.252*	-.002
AP	-	-	-	-	-	1	-.091
AN	-	-	-	-	-	-	1
Média	6.19	5.05	5.64	2.61	5.20	4.02	1.70
DP	.70	1.32	.80	1.27	.98	.59	.67
Min-Máx	4-7	1-7	3-7	1-7	3-7	3-5	1-5
FC	.73	.89	.81	.87	.83	.73	.80

Nota: PH=Paixão Harmoniosa; PO=Paixão Obsessiva; MAD=Motivação Autodeterminada; MMAD=Motivação Menos Autodeterminada; SV=Satisfação com a Vida; AP=Afetos Positivos; AN=Afetos Negativos; DP=Desvio-Padrão; Min=Valor mínimo; Máx=Valor máximo. ** $p<.01$.

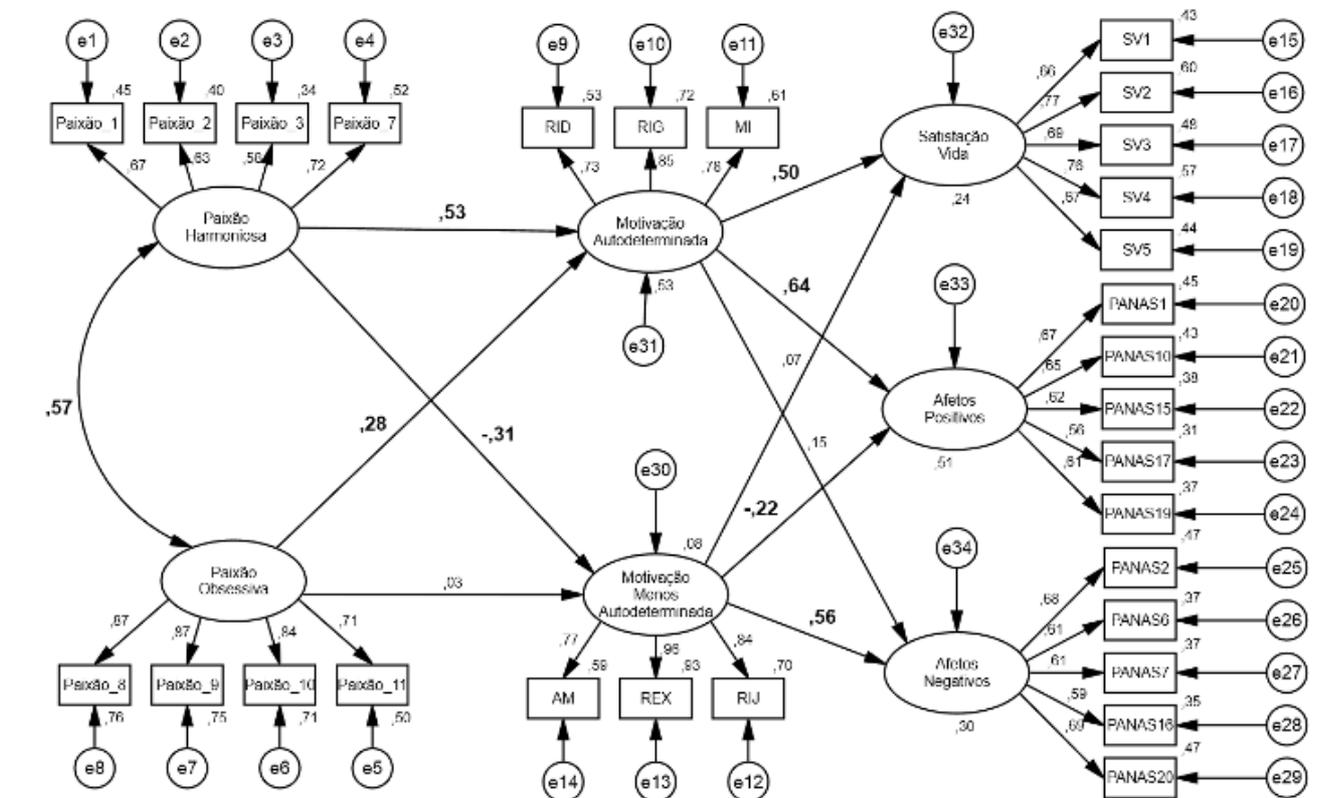


Figura 2 - Parâmetros individuais estandardizados do modelo inicial hipotetizado

Constructos	PH	PO	MAD	MMA	SV	AP	AN
D							

Em contraste, verifica-se um efeito direto positivo e significativo entre a PH-MAD ($\beta=.53$; IC 95% .282 a .727, $p=.001$); um efeito direto negativo e significativo entre a PH-MMAD ($\beta=-.31$; IC 95% -.500 a -.120, $p=.010$); um efeito direto positivo, mas não significativo entre a MMAD-SV ($\beta=.07$; IC 95% -.098 a .224, $p=.463$); um efeito direto negativo e significativo entre a MMAD-AP ($\beta=-.22$; IC 95% -.390 a -.069, $p=.020$); e, por fim, um efeito direto positivo e significativo entre a MMAD-AN ($\beta=.56$; IC 95% .335 a .744, $p=.001$).

Relativamente aos efeitos indiretos estandardizados, demonstraram um efeito positivo e significativo entre a PO-SV ($\beta=.14$; IC 95% .040 a .280, $p=.010$) e entre a PO-AP ($\beta=.17$; IC 95% .035 a .328, $p=.030$); e um efeito negativo não significativo entre a PO-AN ($\beta=.06$; IC 95% -.062 a .226, $p=.010$) através da regulação da motivação; um efeito positivo e significativo entre a PH-SV ($\beta=.24$; IC 95% .102 a .386, $p=.004$) e entre a PH-AP ($\beta=.41$; IC 95% .255 a .553, $p=.010$); e um efeito negativo, não significativo entre a PH-AN ($\beta=-.095$; IC 95% -.259 a .057, $p=.290$), através da regulação da motivação.

Discussão

Tomando em consideração o objetivo, numa primeira instância (Tabela 1), emancipa que o padrão de correlação entre os fatores está em linha com estudos prévios (Vallerand, 2010). No entanto destaca-se a correlação positiva e significativa entre a PO e PH, o que vem alinhar-se com a sugestão de ortogonalidade dos constructos proposta por Vallerand (2010), ou seja nesta população os sujeitos percecionam os dois tipos de paixão.

Não obstante, verifica-se que os atletas que valorizam os dois tipos de paixão sentem-se satisfeitos com a sua vida, valorizam mais as formas de motivação autodeterminada comparativamente com as de regulação menos autodeterminada e, experienciam afetos mais positivos do que negativos na sua prática desportiva. Estes resultados estão em linha com outros estudos, tanto relativamente à paixão sentida (Vallerand, 2010), como à forma de regular o comportamento (Jõesaar, Hein, & Hagger, 2011, 2012; Monteiro et al., 2018).

Numa segunda instância, como referido anteriormente, tanto o modelo de medida como o modelo estrutural ajustaram-se aos dados, conforme os valores de corte adotados (Byrne, 2006; Hair et al., 2014; Marsh et al., 2004). Não se verificaram problemas de fiabilidade compósita ($FC \geq .70$), problemas de validade convergente ($VEM > .50$), nem problemas de validade discriminante, uma vez que o quadrado das correlações entre os fatores foi inferior ao valor de VEM de cada fator (Hair et al., 2014). No que respeita às relações causais hipotéticas estabelecidas no modelo estrutural (Figura 2), de uma forma global, o modelo ajustou-se aos dados conforme os valores de corte adotados na metodologia, confirmando em parte as relações teóricas previamente estabelecidas.

Os resultados demonstraram uma relação positiva e significativa entre a PO e PH, estando em consonância com estudos anteriores (Vallerand et al., 2008), o que revela que os sujeitos podem sentir simultaneamente tanto uma PO como uma PH numa atividade específica (Sheldon, 2002; Vallerand, 2012). Os resultados evidenciaram que a PH e PO são preditores positivos e significativos da MAD. Em contraste a PH apresentou uma relação negativa e significativa com a MMAD e a PO uma relação positiva mas não significativa.

Por outro lado, os dados obtidos vão ao encontro das relações teóricas estabelecidas (Vallerand, 2010, 2012), de facto, o DMP assenta nos pressupostos da SDT, pois em função da maneira como o indivíduo desenvolve a paixão pelo seu desporto, pode internalizar e integrar essa mesma paixão de uma forma mais autodeterminada ou menos autodeterminada (Deci & Ryan, 2000; Sheldon, 2002; Vallerand, 2012).

Se o atleta tem uma PH pela sua modalidade desportiva, o mesmo está em consonância com outros valores da sua vida. Contudo, se o atleta tem paixão mais obsessiva pelo seu desporto, a sua vida poderá não fazer sentido sem isso, ou seja, é o desporto que controla os outros domínios da sua vida (família, trabalho, lazer, etc.) (Vallerand, 2012).

Verner-Filion, Vallerand, Amiot e Mocanu (2017) demonstram que a PH é um preditor positivo e significativo das NPB, então pode-se afirmar que a relação entre a PH e a MAD se aceita empiricamente, uma vez que, de acordo com SDT, para que os atletas atinjam elevados níveis de motivação autodeterminada, necessitam de satisfazer as NPB. Vários estudos (Álvarez, Balaguer, Castillo, & Duda, 2009, 2012; Jowett et al., 2017) têm evidenciado empiricamente esta relação teórica.

Apesar das conexões teóricas sugerirem que a PO apresenta uma relação negativa com a MAD, a mesma não se verificou empiricamente. Contudo, o resultado obtido não é forçosamente negativo, dado que um atleta pode demonstrar PO pela sua modalidade e regular a motivação de forma mais autodeterminada, principalmente, porque a PO desenvolve sentimentos de aceitação social e de autoestima, e até mesmo sentimentos de excitação proveniente da atividade, tornando-se dependente da própria modalidade desportiva (Hodgins & Knee, 2002).

Ainda assim, se olharmos ao contexto deste trabalho, talvez seja natural esta relação, pois as pessoas com deficiência podem utilizar o desporto para evidenciar e desenvolverem competências que dificilmente serão possíveis noutras circunstâncias. Em muitos casos, procuram no desporto a visibilidade e aceitação social que não conseguem noutros domínios vivenciais e, com isso, atingir níveis mais elevados de autoestima e satisfação com a vida.

De acordo com Martin e Wheeler (2011), este tipo de situações são utilizadas pelos atletas para desenvolver os seus próprios mecanismos de resiliência, dado não serem bem aceites noutros domínios da sociedade e assim, através da prática regular do desporto, terem a possibilidade de enaltecere as capacidades, competências e recursos pessoais, criando estratégias de coping mais eficazes e eficientes.

Em termos gerais, esta ideia de um maior envolvimento e, por conseguinte, índices mais elevados ao nível da PO pela modalidade desportiva na população com deficiência poderá assentar em quatro fundamentos: i) o desporto assume-se como um dos mais importantes fatores promotores do sucesso educativo, inclusão e desenvolvimento psicossocial, de combate ao abandono escolar e à discriminação das pessoas com deficiência (Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes, & Cruz-Santos, 2013), para além de “demonstrar à própria pessoa e à sociedade que a deficiência não é sinónimo de incapacidade” (Barros, Viegas, & Seabra, 2001, p. 241); ii) a autoestima específica no desporto (associada ao conceito de competência atlética) tem-se afirmado como um importante preditor de BE social (ou seja, amizades próximas versus solidão) (Shapiro & Martin, 2014); iii) a prática desportiva melhora o bem-estar psicológico e as habilidades sociais (Di Cagno et al., 2013; Hammond, 2014; Macdougall et al., 2015); iv) o sentimento de que o envolvimento no desporto de rendimento é uma maneira de recuperar o controlo sobre o corpo e sentir que há um domínio sobre as habilidades exigidas na competição de alto nível e que a capacidade de demonstrar a sua proficiência ajuda a estabelecer uma identidade baseada no papel de atleta e não de pessoa com deficiência (Ashton-Shaeffer, Gibson, Holt, & Willming, 2001).

Os resultados ganham ainda mais robustez pelo facto de se verificar um efeito negativo e significativo entre a PH e MMAD, e um efeito positivo e não significativo entre a PO e MMAD ($p \geq .05$). Estas evidências revelam que independentemente do tipo de paixão sentida, a mesma não tem importância para a MMAD.

Relativamente às relações entre a MAD e BE (SV, AP e AN), verifica-se um efeito positivo e significativo entre a MAD e SV e entre a MAD e AP e, um efeito positivo, mas não significativo entre a MAD e AN. Estes resultados justificam-se inteiramente sob o ponto de vista teórico, pois segundo Ryan e Deci (2017) elevados níveis de motivação autónoma associam-se a elevados níveis de BE, ou seja, quando os atletas regulam o comportamento de forma autónoma (regulação identificada, regulação integrada e motivação intrínseca) estarão mais perto de atingirem elevados níveis de BE. Segundo Núñez et al. (2011), num estudo realizado com 399 atletas espanhóis de diferentes desportos, a motivação intrínseca foi um preditor positivo e significativo do BE psicológico. De igual modo, Stenling, Lindwall e Hassmén (2015), num estudo longitudinal (seis meses) realizado com atletas suecos, demonstrou um efeito positivo e significativo entre o índice de autodeterminação e o BE (avaliado através de sintomas físicos e escala da vitalidade subjetiva).

No que respeita à relação encontrada entre a MAD e AN, apesar de positiva, a mesma não foi significativa ($p \geq .05$). De facto, este resultado faz todo o sentido, uma vez que a MAD apresenta efeitos positivos e significativos, pelo que os atletas ao percecionarem elevados níveis de satisfação com a vida e de afetos positivos, à partida, não poderiam sentir afetos negativos.

Por fim, relativamente às relações verificadas entre a MMAD e BE (SV, AP e AN), verifica-se um efeito

positivo, mas não significativo entre a MMAD e SV; um efeito negativo e significativo entre a MMAD e AP; e um efeito positivo e significativo entre a MMAD e AN. Estes resultados encontram eco teoricamente, uma vez que quando os sujeitos regulam o comportamento por formas controladas da motivação (amotivação, regulação externa e introjetada), experienciam consequências emocionais e comportamentais mais negativas, tal como se verifica na relação entre os AP e SV (Ryan & Deci, 2017), confirmando empiricamente as relações teóricas estabelecidas.

Apesar do estudo contribuir para a compreensão destas variáveis no desporto para pessoas com deficiência, o mesmo apresenta algumas limitações: i) recurso à metodologia de natureza transversal, pelo que apenas se podem abordar as associações entre as variáveis sem sugerir uma relação de causalidade (apenas hipoteticamente). Neste sentido, estudos longitudinais são necessários para que se possam comprovar os efeitos das variáveis estudadas (e.g., ao longo de uma época desportiva e/ou durante um ciclo paralímpico/surdolímpico); ii) a utilização da regulação da motivação (motivação autónoma/autodeterminada e controlada/menos autodeterminada) como fatores compósitos, não deixa de ser uma limitação, na medida em que se fica sem perceber qual o efeito de cada um dos tipos de regulação no BE, mesmo que possa ser sustentado quer do ponto de vista teórico, quer empírico. Todavia, apesar de cada um dos tipos de regulação da motivação ser independente, quando em conjunto, formam os dois tipos de regulação da motivação presentes na SDT. Alguns estudos nos últimos anos têm utilizado a mesma estratégia (e.g., Guzmán & García García, 2014; Stenling et al., 2015). Especificamente Sheldon, Osin, Gordeeva, Suchkov e Sychev (2017) apresentaram também evidências para a utilização do índice relativo de autodeterminação (IAD); iii) futuros estudos poderão também analisar efeitos de mediação das NPB, entre os dois tipos de paixão e a regulação da motivação, bem como o papel de mediação da regulação da motivação entre as NPB e o BE; iv) apesar de a amostra ser representativa da população que se estudou, a mesma tem que ser considerada como limitação, uma vez que apenas foram analisados 143 atletas, por isso futuros estudos deverão recorrer a maiores amostras.

Conclusões

Os resultados encontrados permitem retirar importantes ilações para a prática, uma vez que o modelo testado coloca em evidência o facto de que tanto a PH como a PO são preditores positivos da motivação autodeterminada. Além disso, a PH é um preditor negativo da motivação menos autodeterminada e, por sua vez, a motivação mais autodeterminada prediz positivamente o BES (em particular os afetos positivos e a satisfação com a vida). De salientar igualmente que a motivação menos autodeterminada prediz negativamente os afetos positivos e, de forma significativa e positiva os afetos negativos.

Por último, o facto de atletas com deficiência sentirem paixão pela prática da sua modalidade, pode constituir-se como um preditor positivo da motivação autodeterminada, o que por sua vez, pode influenciar os níveis de bem-estar subjetivo, quer do ponto de vista cognitivo (satisfação com a vida) quer do ponto de vista emocional (afetos positivos), proporcionando assim o aumento da persistência e manutenção na prática.

Perante os resultados encontrados é possível definir algumas implicações e apresentar orientações estruturantes para a intervenção das federações, clubes, técnicos especializados e famílias, no contexto do desporto para pessoas com deficiência:

i) Realização de campanhas de sensibilização através da comunicação social assente no pressuposto que a atividade física e o desporto para pessoas com deficiência acrescentam valor à vida, que lhes proporcionam melhor capacidade relacional, mais competência, mais autonomia, bem como uma postura com mais autodeterminação, afetos positivos e, consequentemente bem-estar (em detrimento da perspetiva simplista de que a atividade física e desportiva é fácil);

ii) Promover a realização de cursos de formação destinados aos treinadores, não apenas ao nível da formação inicial, mas também da formação contínua, com a integração de conteúdos programáticos contemplando as dimensões da motivação, paixão e bem-estar, bem como a caracterização dos aspetos físicos, fisiológicos, psicológicos, sociais e emocionais inerentes às diversas tipologias da deficiência, visando a atualização de competências técnicas referentes à modalidade (em função das categorias desportivas por deficiência para os diferentes desportos, disciplinas, especialidades e provas), bem como o desenvolvimento profissional do treinador e uma visão mais holística e detalhada do atleta e, por conseguinte, uma ajustada programação e execução do treino, contemplando a preocupação com o seu bem-estar subjetivo;

iii) Ponderar a inclusão de estágios regulares, pelas sete unidades territoriais NUTS II 2013 (INE, 2015), organizados pelas respetivas federações, de forma a favorecer a partilha de experiências (atletas, atletas guias, treinadores e assistentes desportivos), a perceção de competências, o desenvolvimento e fortalecimento de aspetos relacionais na díade atleta-atleta guia, atleta-treinador e atleta guia-treinador, assim como na triangulação atleta-assistente desportivo-treinador;

iv) Tendo em conta que os atletas com deficiência por norma tendem a ser ‘especialistas’ ao nível das características da sua deficiência e detêm informação detalhada sobre si próprios, ao longo do seu percurso vivencial, de acordo com Hanrahan (2007), devem constituir-se como fonte de informação privilegiada em primeira instância e não os pais/encarregados de educação/tutores ou outros significativos;

v) Promover um treino propício à satisfação das necessidades psicológicas básicas, em que durante as sessões, o atleta deve experienciar situações de autonomia e de sucesso que levem a níveis elevados de bem-estar (no início e fim da sessão) e, em simultâneo, colocar-se o foco na capacidade, competência e funcionalidade do atleta e raramente na deficiência, com

base numa comunicação assente nos pressupostos da técnica de escuta ativa, o que poderá influenciar a motivação autodeterminada;

vi) Em situação de treino e competição, utilizar estratégias motivacionais centradas no atleta, valorizando a evolução pessoal - autossuperação - em detrimento exclusivo no resultado desportivo, fomentando a autoperceção ao nível das capacidades e recursos para e na modalidade;

vii) Fomentar a participação e envolvimento dos atletas com recurso às estratégias apresentadas por Hellison (1995), destacando-se as seguintes: fornecer opções da atividade a realizar (incluindo a possibilidade de parar a tarefa/atividade temporariamente); permitir a escolha do ritmo de participação, da intensidade e do número de tentativas; individualizar e otimizar a relação treinador-atleta, através do feedback, dos desafios e das atividades propostas;

viii) Definir e visualizar objetivos ajustados, centrados na tarefa e não apenas no resultado (e.g., seguindo o modelo para definição de objetivos proposto por Raposo, 2015): objetivos específicos, mensuráveis, alcançáveis, realistas e com prazos estipulados, assim como objetivos de habilidades, de atitudes, comportamentais, de estratégia, de risco calculado, de treino e de carreira desportiva, os quais devem ser definidos com e em função do atleta (e não dos pais, treinadores ou outros significativos para o indivíduo).

Agradecimentos

Os autores gostariam de expressar a sua gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste estudo, com o objetivo de conhecer melhor a realidade do desporto para pessoas com deficiência em Portugal, com destaque aos atletas, famílias, treinadores, CPP e FPDD, bem como às diversas federações, associações e clubes desportivos que facilitaram o acesso aos atletas, permitindo assim a concretização da pesquisa.

Referências

Álvarez, M., Balaguer, I., Castillo, I., & Duda, J. (2009). Coach Autonomy Support and Quality of Sport Engagement in Young Soccer Players. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(1), 138-148. <https://dx.doi.org/10.1017/S1138741600001554>

Álvarez, M., Balaguer, I., Castillo, I., & Duda, J. (2012). The coach-created motivational climate, young athletes' well-being, and intentions to continue participation. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 6(2), 166-179. <https://dx.doi.org/10.1123/jcsp.6.2.166>

Ashton-Shaeffer, C., Gibson, H., Holt, M., & Willming, C. (2001). Women's Resistance and Empowerment through Wheelchair Sport. *World Leisure Journal*, 43(4), 11-21. <https://dx.doi.org/10.1080/04419057.2001.9674245>

- Balaguer, I., Castillo, I., & Duda, J.L. (2008). Apoyo a la autonomía, satisfacción de las necesidades, motivación y bienestar en deportistas de competición: Un análisis de la teoría de la autodeterminación, *Revista de Psicología del Deporte*, 17(1), 123-139.
- Banack, H., Sabiston, C., & Bloom, G. (2011). Coach Autonomy Support, Basic Need Satisfaction, and Intrinsic Motivation of Paralympic Athletes. *Research Quarterly for Sport and Exercise*, 82(4), 722-730. <http://dx.doi.org/10.1080/02701387.2011.10599809>
- Barros, J.M., Viegas, J., & Seabra, A.C. (2001). A recreação e o desporto. In C. Louro (Coord.), *Acção social na deficiência* (pp. 227-252). Lisboa: Universidade Aberta.
- Byrne, B. (2006). *Structural Equation Modeling with EQS. Basic Concepts, Applications, and Programming* (2nd ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Carpentier, J., & Mageau, G.A. (2013). When change-oriented feedback enhances motivation, well-being and performance: A look at autonomy-supportive feedback in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 14(3), 423-435. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.01.003>
- Chou, C., & Bentler, P. (1995). Estimates and tests in structural equation modeling. In R. Hoyle (Ed.), *Structural Equation Modeling. Concepts, Issues, and Applications* (pp. 37-54). Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Cid, L., Vitorino, A., Bento, T., Teixeira, D.S., Rodrigues, F., & Monteiro, D. (2019). The Passion Scale - Portuguese Version (Passion Scale - PSp): Reliability, Validity and Gender and Sport Invariance. *Perceptual and Motor Skills*, 126(4), 694-712. <https://doi.org/10.1177/0031512519849744>
- Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum.
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2000). Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. *American Psychologist*, 55(1), 68-78. <http://dx.doi.org/10.1037/110003-066X.55.1.68>
- DePauw, K.P., & Gavron, S.J. (2005). *Disability and sport* (2nd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Di Cagno, A., Iuliano, E., Aquino, G., Fiorilli, G., Battaglia, C., Giombini, A., & Calcagno, G. (2013). Psychological well-being and social participation assessment in visually impaired subjects playing Torball: A controlled study. *Research in Developmental Disabilities*, 34(4), 1204-1209. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ridd.2012.11.010>
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. (1994). Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities. *Social Indicators Research*, 31(2), 103-157. <http://dx.doi.org/10.1007/BF01207052>
- Diener, E., & Chan, M. (2011). Happy People Live Longer: Subjective Well-Being Contributes to Health and Longevity. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 3(1), 1-43. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1758-0854.2010.01045.x>
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-76.
- Felton, L. & Jowett, S. (2013). Attachment and well-being. The mediating effects of psychological needs satisfaction within the coach-athlete and parent-athlete relational contexts. *Psychology of Sport and Exercise*, 14(1), 57-65.
- Gagné, M. & Blanchard, C. (2007). Self-Determination Theory and Well-Being in Athletes: It's the Situation That Counts. In M. Hagger & N. Chatzisarantis (Eds.), *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport* (pp. 243-254). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Galinha, I., & Pais-Ribeiro, J. (2005a). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): I - Abordagem ao conceito de afeto. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 209-218.
- Galinha, I., & Pais-Ribeiro, J. (2005b). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6(2), 203-214.
- Galinha, I., Pereira, C.R., & Esteves, F. (2013). Confirmatory Factor Analysis and Temporal Invariance of the Positive and Negative Affect Schedule (PANAS). *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 26(4), 671-679. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000400007>
- Guzmán, J.F., & García García, C. (2014). Psychological well-being in dancers: A social cognitive analysis. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, 14(56), 687-704.
- Hair, J., Black, W., Babin, B., & Anderson, R. (2014). *Multivariate Data Analysis* (7th ed.). New Jersey: Pearson Educational, Ltd.
- Hammond, T.G. (2014). The subjective well-being of Paralympic Athletes. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica não publicada. Deakin University, Melbourne, Austrália. Disponível em Deakin University website: <http://dro.deakin.edu.au/eserv/DU:30072980/hammond-thesubjective-2014A.pdf>

- Hanrahan, S. J. (2007). Athletes with disabilities. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Ed.), *Handbook of sport psychology* (3rd ed., pp. 845-858). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Hellison, D. (1995). *Teaching responsibility through physical activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Heo, J., Lee, Y., Lundberg, N., McCornick, B., & Chun, S. (2008). Adaptive Sport as Serious Leisure: Do Self-Determination, Skill Level, and Leisure Constraints Matter?. *Annual in Therapeutic Recreation*, XVI, 31-38.
- Hodgins, H.S., & Knee, R. (2002). The integrating self and conscious experience. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.). (2002). *Handbook on self-determination research: Theoretical and applied issues* (pp. 87-100). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- INE (2015). NUTS 2013 - As novas unidades territoriais para fins estatísticos. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- IPC (2015). Strategic Plan 2015 to 2018 - Strategic outlook for the International Paralympic Committee. Disponível em International Paralympic Committee website: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150916131143110_2015_09%2BIPC%2BStrategic%2BPlan%2B2015-2018_Digital_v2.pdf, acedido em 6 de setembro de 2016.
- Jöseaar, H., Hein, V., & Hagger, M. (2011). Peer influence on youth athletes' need satisfaction, intrinsic motivation and persistence in sport: a 12-month prospective study. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 500-508. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.04.005>
- Jöseaar, H., Hein, V., & Hagger, M. (2012). Youth athletes' perception of autonomy support from the coach, peer motivational climate and intrinsic motivation in sport setting: one-year effects. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 257-262. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.12.001>
- Jowett, S., Adie, J., Bartholomew, K., Yang, S., Gustafsson, H., & López-Jiménez, H. (2017). Motivational processes in the coach-athlete relationship: A multi-cultural self-determination approach. *Psychology of Sport and Exercise*, 32, 143-152. <http://doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.06.004>
- Kline, R. (2016). *Principles and practice of structural equation modelling* (3rd ed.). New York, The Guildford Press.
- Lonsdale, C., Hodge, K., & Rose, E. (2008). The Behavioral Regulation in Sport Questionnaire (BRSQ): Instrument Development and Initial Validity Evidence. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 30(3), 323-355. <http://doi.org/10.1123/jsep.30.3.323>
- Lundberg, N.R, Groff, D.G., & Zabriskie, R.B. (2010). Psychological need satisfaction through sports participation among international athletes with cerebral palsy. *Annals of Leisure Research*, 13(14), 102-115. <https://doi.org/10.1080/11745398.2010.9686840>
- Macdougall, H., O'Halloran, P., Shields, N., & Sherry, E. (2015). Comparing the Well-Being of Para and Olympic Sport Athletes: A Systematic Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 32, 256-276.
- Marsh, H., Hau, K. & Wen, Z. (2004). In search of golden rules: Comment on hypothesis testing approaches to setting cutoff values for fit indexes and dangers in overgeneralizing Hu and Bentler's (1999) findings. *Structural Equation Modeling*, 11(3), 320-341. http://dx.doi.org/10.1207/s15328007sem1103_2
- Martin, J. (2018). *Handbook of Disability Sport and Exercise Psychology*. New York: Oxford University Press, Parte II.
- Martin, J., & Wheeler, G. (2011). Psychology. In Y. Vanlandewijck e W. Thompson, (Eds.), *Handbook of Sports Medicine and Science - The Paralympic Athlete* (pp. 116-135). Oxford: John Wiley & Sons. Ltd..
- Monteiro, D., Pelletier, L.G., Moutão, J., & Cid, L. (2018). Examining the motivational determinants of enjoyment and the intention to continue of persistent competitive swimmers. *International Journal of Sport Psychology*, 49(6), 484-504. <https://doi.org/10.7352/IJSP.2018.49.484>
- Monteiro, D., Teixeira, D.S., Vitorino, A., Moutão, J., Rodrigues, F., Machado, S., & Cid, L. (2019). Behavioral Regulation Sport Questionnaire (BRSQ): Gender and Sport Invariance in Portuguese Athletes. *Perceptual and Motor Skills*, 126 (2), 323-341. <https://doi.org/10.1177/0031512519825700>
- Neto, F. (1993). The Satisfaction With Life Scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2), 125-134.
- Núñez, J.L., León, J., González, V., & Martín-Albo, J. (2011). Propuesta de un modelo explicativo del bienestar psicológico en el contexto desportivo. *Revista de Psicología del Deporte*, 20(1), 223-242.
- Pavot, W., & Diener, E. (2008). The Satisfaction With Life Scale and the emerging construct of life satisfaction. *Journal of Positive Psychology*, 3(2), 137-152. <https://dx.doi.org/10.1080/17439760701756946>
- Pelletier, L. & Sarrazin, P. (2007). Measurement issues in self-determination theory and sport. In M. Hagger & N. Chatzisarantis (Eds.), *Intrinsic motivation and Self-Determination in Exercise and Sport* (pp. 143-152). Champaign, Illinois: Human Kinetics Publisher.

- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Raposo, J. V. (2015). Novo modelo para a definição de objetivos. In J. Alves e A. Paula Brito (Eds.), *Manual de Psicologia do Desporto para Treinadores* (pp. 187-213). Lisboa: Visão e Contextos, Edições e Representações, Lda.
- Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2007). Active human nature: self-determination theory and the promotion and maintenance of sport, exercise and health. In Martin Hagger & Nikos Chazisarantis (Eds.), *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport* (pp. 1-19). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Ryan, R.M., & Deci, E.L. (2017). *Self-Determination Theory. Basic Psychological Needs in Motivation, Development and Wellness*. New York: The Guilford Press.
- Saraiva, J.P., Almeida, M.R., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto adaptado em Portugal: Do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(5), 623-635. <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n5p62>
- Satorra, A. & Bentler, P. (1994). Corrections to Test Statistics and Standard Errors in Covariance Structure Analysis. In A. Eye & C. Clogg (Eds.), *Latent variables analysis: Applications for development research* (pp. 399-419). Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc..
- Seaward, B. (1992). A spiritual well-being program at the United States Postal Service headquarters. *Wellness Perspectives*, 8(4), 16-31.
- Seaward, B. (2000). Stress and human spirituality 2000: At the crossroads of physics and metaphysics. *Applied Psychophysiology and Biofeedback*, 25(4), 241-246.
- Shapiro, D.R., & Martin, J.J. (2014). The relationships among sport self-perceptions and social well-being in athletes with physical disabilities. *Disability and Health Journal*, 7(1), 42-48. <http://dx.doi.org/10.1016/j.dhjo.2013.06.002>
- Sheldon, K.M. (2002). The Self-Concordance Model of healthy goal-striving: When personal goals correctly represent the person. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 65-86). Rochester, NY: The University of Rochester Press.
- Sheldon, K.M., Osin, E.N., Gordeeva, T.O., Suchkov, D.D., & Sychev, O.A. (2017). Evaluating the Dimensionality of Self-Determination Theory's Relative Autonomy Continuum. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 43(9), 1215-1238. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167217711915>
- Stenling, A., Lindwall, M., & Hassmén, P. (2015). Changes in perceived autonomy support, need satisfaction, motivation, and well-being in young elite athletes. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 4(1), 50-61. <http://dx.doi.org/10.1037/spy0000027>
- Vallerand, R.J., Blanchard, C., Mageau, G., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les Passions de l'Âme: On Obsessive and Harmonious Passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756-767. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>
- Vallerand, R.J., Rousseau, F., Grouzet, F., Dumais, A., Grenier, S., & Blanchard, C. (2006). Passion in sport: A look at determinants and affective experiences. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 454-478.
- Vallerand, R.J., Salvy, S.J., Mageau, G.A., Elliot, A.J., Denis, P.L., Grouzet, F.M., & Blanchard, C.B. (2007). On the role of passion in performance. *Journal of Personality*, 75, 505-534.
- Vallerand, R.J., Mageau, G.A., Elliot, A.J., Dumais, A., Demers, M.-A., & Rousseau, F.L. (2008). Passion and performance attainment in sport. *Psychology of Sport & Exercise*, 9, 373-392.
- Vallerand, R.J. (2010). On passion for life activities: The dualistic model of passion. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 42, pp. 97-193). New York, NY: Academic Press.
- Vallerand, R.J. (2012). From Motivation to Passion: n Search of the Motivational Processes Involved in a Meaningful Life. *Canadian Psychology* 53(1), 42-52. <http://dx.doi.org/10.1037/a0026377>
- Vallerand, R.J. (2015). *The Psychology of Passion: A Dualistic Model*. Oxford: Oxford University Press.
- Verner-Filion, J., Vallerand, R.J., Amiot, C.E., & Mocanu, I. (2017). The Two Roads from Passion to Sport Performance and Psychological Well-Being: The Mediating Role of Need Satisfaction, Deliberate Practice, and Achievement Goals. *Psychology of Sport and Exercise*, 30, 19-29. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.01.009>
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Winnick, J. P. (2017) (Ed.). *Adapted Physical Education and Sport* (6th ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.